

E se essa carona  
fosse a sua última?

SOBREVIVA

À NOITE

RILEY SAGER

Tradução de: João Rodrigues

AN ALTA  
NOVEL

Rio de Janeiro, 2022

*Cena de abertura.*

*Estacionamento.*

*Meio da noite.*

*Meio do nada.*

*Começando pelo final, como em um bom filme noir. Bill Holden morto na piscina. Fred MacMurray prestando seu último depoimento.*

*Fazendo um círculo completo. Como um nó de força.*

*Há um carro, uma lanchonete e uma placa neon no estacionamento desbotando em faixas pelo espelho retrovisor conforme o carro se afasta. Dentro há duas pessoas — uma jovem no banco do passageiro e um homem ao volante. Os dois olham, pelo para-brisa, para a estrada à frente, incertos.*

*Acerca de quem são.*

*Acerca de aonde estão indo.*

*Acerca de como foram parar ali, naquele exato momento. Um pouco antes da meia-noite. Nos últimos minutos da terça-feira, 19 de novembro de 1991.*

*Mas Charlie sabe o que os trouxe à beira deste novo dia nada certo. Conforme a situação se desenrola quadro a quadro, como um filme em um projetor, ela sabe exatamente como tudo aconteceu.*

*Ela sabe porque isto não é um filme.*

*É o aqui e o agora.*

*Ela é a garota no carro.*

*O homem ao volante é um assassino.*

*E, com a certeza de alguém que viu esses filmes um milhão de vezes antes, Charlie entende que apenas um deles viverá para ver o amanhecer.*



Amostra

NOVE DA NOITE



Amostra

## CENA INTERNA DORMITÓRIO — DIA

Ficar não é uma opção.

É por isso que Charlie concordou em entrar no carro com um completo estranho.

Ela prometeu a Robbie — e também a si mesma — que pularia fora caso alguma coisa naquilo tudo parecesse esquisita. Nunca se é cuidadoso demais. Não nos dias de hoje.

Não depois do que aconteceu com Maddy.

Charlie já se preparou para a viagem, listando mentalmente todos os cenários dos quais deveria sair correndo. Se o carro parecer estar caindo aos pedaços e/ou as janelas forem escurecidas. Se tiver mais alguém dentro do carro, independentemente do motivo. Se ele parecer muito ansioso para partir ou, por outro lado, não ansioso o suficiente. Ela prometeu — a Robbie, a si mesma, a Maddy, com quem às vezes ainda conversa mesmo que agora ela esteja há dois meses enterrada — que um único calafrio de apreensão vai mandá-la correndo de volta ao dormitório.

Ela duvida que chegue a esse ponto. Porque ele parece legal. Amigável. Definitivamente não era o tipo de cara que faria as coisas que fizeram com Maddy e as outras.

Além disso, ele não é um estranho. Não completamente. Tinham se encontrado uma vez antes, em frente ao painel de caronas nos arredores do campus, engolidos por aquela parede de anúncios de alunos desesperados para voltar para casa e aqueles ansiosos para dar caronas em troca do valor da gasolina. Charlie tinha acabado de pendurar o próprio panfleto — cuidadosamente impresso, o número de telefone colocado em cada aba bem cortada — quando ele apareceu ao seu lado.

— Você está indo para Youngstown? — perguntou, seu olhar passando dela para o panfleto e para ela de novo.

Charlie hesitou antes de responder. Um hábito pós-Maddy. Por vontade própria, nunca conversava com pessoas que não conhecia. Não antes de saber quais eram as intenções delas. Ele podia estar de papinho. Ou tentando ficar com ela. Pouco provável, mas não totalmente fora das várias possibilidades. Afinal, foi assim que ela conheceu Robbie. Antigamente, Charlie era bonita, antes de ser capturada pelas garras da culpa e do luto.

— Aham — respondeu ela, por fim, depois de ele voltar a olhar o painel de caronas, o que a fez acreditar que eles estavam ali pelo mesmo motivo. — É para lá que você está indo?

— Akron — disse ele.

Ouvir aquilo fez Charlie prestar atenção. Não é Youngstown, mas perto o bastante. Uma rápida parada no caminho do destino final dele.

— Carona ou motorista? — perguntou ela.

— Motorista. Esperava encontrar alguém que queira rachar o valor do combustível.

— Eu poderia ser esse alguém — respondeu ela, deixando-o estudá-la, ver se era o tipo de pessoa com quem queria passar horas tranca-do num carro. Charlie sabia qual era o tipo de vibe que passava: uma pessoa severa e brava que teria feito caras como ele lhe dizerem para sorrir mais se não parecesse que ela os esmurraria por isso. Desgraça e melancolia pairavam sobre ela como uma nuvem de chuva.

Devolveu na mesma moeda, estudando-o. Parecia um pouco mais velho que um típico estudante, mas talvez fosse por causa do seu tamanho. Ele era *grande*. Alto, peito largo, maxilar quadrado. Vestindo jeans e um moletom da Olyphant University, ele parecia, pensou Charlie, o herói de uma comédia universitária dos anos 1940. Ou o vilão, se fosse ambientada nos anos 1980.

Pressupôs que fosse um aluno de pós-graduação, como Robbie. Uma dessas pessoas que tinha gostado da faculdade e decidido nunca mais sair. Mas ele tinha um cabelo bonito, algo em que Charlie ainda prestava atenção mesmo depois de ter deixado o próprio perder força e

ficar desganhado. Tinha um belo sorriso também, que deixou transparecer quando disse:

— Pode ser. Quando você estava pensando em partir?

Charlie apontou para o seu panfleto e para a frase de três palavras em caixa-alta bem no meio.

## O QUANTO ANTES

Ele puxou uma das abas da parte de baixo do panfleto, deixando uma abertura que fez Charlie pensar em um dente perdido. Ela tremeu com o pensamento.

O homem colocou a aba dentro da carteira.

— Vou ver o que posso fazer.

Charlie não estava esperando uma resposta. Era o meio da semana no meio do mês de novembro, e ainda faltavam dez dias para o Dia de Ação de Graças. Ninguém queria sair do campus. Ninguém além dela.

Mas, naquela noite, seu telefone tocou, e uma voz vagamente familiar disse do outro lado da linha:

— Ei, é o Josh. Do painel de caronas.

Charlie, que estava sentada em seu quarto encarando a metade do cômodo que antes estava repleta das coisas de Maddy, agora vazia e sem vida, se divertiu ao responder:

— Olá, Josh do painel de caronas.

— Olá... — Josh pausou, sem dúvida checando a aba do panfleto que segurava na mão, à procura do nome da garota para quem estava ligando. — Charlie. Eu só queria dizer que posso sair amanhã, mas não antes do fim do dia. Nove da noite. Se você quiser, tem um espaço com o seu nome no banco do carona.

— Eu fico com ele.

E foi isso.

Agora o amanhã na verdade é hoje, e Charlie está dando uma última olhada no dormitório para o qual provavelmente nunca mais

voltará. Seu olhar lentamente passa pelo quarto, garantindo que prestará atenção em cada centímetro do lugar que ela chamou de casa pelos últimos três anos. As escrivatinhas bagunçadas. As camas cheias de travesseiros. O pisca-pisca que Maddy tinha colocado no primeiro Natal delas ali e nunca mais se dado ao trabalho de tirar, agora em pleno brilho.

A luz dourada do sol de outono entra pela janela, conferindo a tudo um brilho sépia e fazendo Charlie sentir tanto alegria quanto tristeza. Nostalgia. Uma bela dor.

Alguém entra no cômodo, às suas costas.

Maddy.

Charlie sente o perfume dela. Chanel nº 5.

— Que espelunca — diz Maddy.

Um sorriso cheio de melancolia se forma nos lábios de Charlie.

— Eu acho que eu...

— *Charlie.*





## CENA INTERNA DORMITÓRIO — NOITE

A voz de Robbie vindo pela porta aberta quebra o feitiço como um estalar de dedos. Em um piscar de olhos, o quarto perdeu toda a mágica. As escrivatinhas estão vazias. As camas também. O pisca-pisca permanece, mas está fora da tomada, como tem sido há alguns meses. Pela janela, Charlie vê não uma luz do sol calorosa, mas um retângulo cheio de escuridão.

Quanto a Maddy, faz tempo que ela não está aqui. Nem mesmo o mais fraco resquício do seu perfume continua.

— Já são nove horas — diz Robbie. — É melhor a gente ir.

Charlie permanece no centro do quarto, ainda perdida por um tempo. Como é estranho — como é chocante — ir de uma imagem na sua cabeça para a triste realidade. Não restou felicidade alguma aqui. Ela consegue ver isso agora. Não passa de uma caixa de paredes brancas que têm apenas memórias, agora azedas pela tragédia.

Robbie a observa da porta. Ele sabe o que acabou de acontecer.

Passou um filme na cabeça dela.

O fato de que Robbie nunca se sentiu incomodado por eles é uma das coisas que Charlie ama. Ele conhece a história dela, as obsessões, e entende todo o resto.

— Você tomou seu remédio hoje?

Charlie desconversa e concorda com a cabeça.

— Aham.

— E empacotou tudo? — pergunta Robbie, como se ela fosse partir apenas durante o final de semana, e não, como tudo indica, para sempre.

— Acho que sim. Não foi nada fácil.

Tinha passado a maior parte do dia dividindo seus pertences em duas categorias: levar consigo ou deixar para trás. Terminou levando pouca coisa. Apenas duas malas com todas as roupas enfiadas lá dentro e uma caixa cheia de recordações e suas amadas fitas VHS. O resto das coisas foi para caixas colocadas intencionalmente no meio do cômodo, facilitando a vida do zelador que for responsável por jogá-las fora quando perceberem que ela não voltará mais.

— Pode ficar aí mais um pouco, se precisar — ofereceu Robbie. — Você não precisa ir hoje à noite. Se quiser esperar até o fim de semana, ainda posso levar você.

Charlie entende. Mas, para ela, esperar — mesmo que apenas alguns dias — está tão fora de cogitação quanto ficar.

— Acho que é tarde demais para desistir.

Ela pega seu casaco. Bem, o casaco de Maddy. Um de segunda mão que era da avó dela, que foi acidentalmente deixado para trás quando levaram o resto de suas coisas. Charlie o encontrou embaixo da cama de Maddy e o chamou de seu. É vintage — da década de 1950 — e atipicamente dramático para Charlie, que normalmente escolhe roupas que a misturam à multidão. É feito de lã vermelha brilhante, com um colarinho enorme no formato de asas de borboleta que se unem conforme Charlie o abotoa até o queixo.

Robbie pega as malas, deixando para Charlie a caixa e a mochila da JanSport que ela usa em vez de uma bolsa. Ela não tranca a porta. Para que se dar ao trabalho? Seu último ato antes de sair é apagar os nomes escritos em caneta apagável no quadro branco preso na porta.

Charlie + Maddy

As palavras deixam uma mancha de tinta na palma da sua mão.

Eles partem rápida e silenciosamente, passando despercebidos pelas outras garotas daquele andar, a maioria reunida na sala de TV no fim do corredor. Charlie escuta o zumbido da voz de Roseanne Barr, seguido de risadas forçadas. Embora nunca tenha entendido a obsessão das colegas por TV — por que ver TV quando filmes são muito melhores? —, esta noite Charlie acha que a distração é bem-vinda. Seu

plano é pular as despedidas. Apesar de ter tido boas amigas no andar em que morava, tudo acabou quando Maddy morreu. Agora é melhor só desaparecer. Aqui em um momento, já não mais no seguinte. Assim como a própria Maddy.

— Isso vai ser muito bom para você — diz Robbie enquanto descem de elevador até o primeiro andar. Charlie percebe o vazio na voz, o que deixa claro que ele pensa o contrário. — Um tempinho longe é tudo de que você precisa.

Nos três dias desde que Charlie tinha anunciado a vontade de largar a faculdade, Robbie permaneceu em negação quanto ao que aquilo significava para o relacionamento deles. Apesar das promessas feitas sobre permanecerem fiéis um ao outro e dos planos precipitados de Robbie para visitá-la nas férias de Natal, Charlie sabia a verdade da situação.

O relacionamento deles está acabando.

Não no estilo “os dois estão seguindo caminhos diferentes”. Definitivamente não no estilo Rhett Butler: “Francamente, minha querida, não dou a mínima”. Mas Charlie entende que alguma forma de término será o resultado inevitável. Ela vai estar a dois estados e a 640 quilômetros de distância. Ele ainda ficará em Olyphant, permanecendo, para usar a frase de Maddy depois de tê-lo conhecido, um partidão. Robbie Wilson, o nerd de matemática do campus e técnico-assistente de natação, com seu queixo à la Richard Gere e abdômen à la Brad Pitt. Desde já, as garotas estão rodeando, ansiosas para assumir a posição de Charlie. A ela resta apenas presumir que alguém terá sucesso em algum momento.

Se é esse o preço que ela deve pagar para dar o fora dali, então que seja. Sua única esperança é que não venha a se arrepender algum dia.



## CENA EXTERNA PRÉDIO DO DORMITÓRIO — NOITE

O saguão do dormitório está vazio quando eles saem do elevador, assim como o caminho coberto de neve que atravessam até o estacionamento. Apesar da chegada do inverno, janelas estão abertas em alguns dormitórios dos andares de cima, deixando vaziar o então familiar som da vida universitária. Risadas. O barulhinho de um dos nada confiáveis micro-ondas da Olyphant. Música mais alta do que o permitido. Charlie a reconhece. Siouxsie and the Banshees. *Kiss Them for Me*.

Maddy amava aquela música.

Chegando à calçada, Robbie coloca as malas de Charlie perto de um poste de luz — o ponto de encontro combinado.

— Acho que é isso — diz ele.

Charlie se prepara para mais uma variação da conversa que eles tiveram uma dezena de vezes. Ela tem certeza de que precisa ir? Há alguma possibilidade de ficar até o fim do semestre?

Mas suas respostas nunca mudam. Sim, precisa ir. Não, não tem como ficar até as provas finais. Houve um tempo, pouco depois da morte de Maddy, em que ela pensou que tal cenário fosse possível.

Isso mudou.

Agora Charlie entende, com a certeza do fundo de sua alma, que precisa dar o fora de Dodge.

Passou a faltar às aulas, parou de conversar com os amigos, deixou de fazer quase tudo que costumava fazer antes. Um constante frear de sua existência. Agora é hora de voltar à ativa, mesmo que esse movimento seja apenas fugir.

Em defesa de Robbie, ele não faz mais nenhuma tentativa falha de tentar convencê-la a ficar. Charlie suspeita que o venceu pelo cansaço. Agora, tudo que resta aos dois é se despedirem.

Robbie se inclina para beijá-la e lhe dar um abraço apertado. Presa pelos braços dele, Charlie sente uma pontada de culpa quanto à decisão de ir embora, que foi causada por um outro, e bem diferente, sentimento de culpa. É uma boneca russa de remorso. Culpa dentro de culpa por estar arruinando a única coisa que ainda restou para ser destruída.

— Desculpe — diz Charlie, surpresa pelo nó na garganta que se forçou a engolir. — Sei que não é fácil.

— Tem sido pior para você — responde Robbie. — Entendo por que você precisa fazer isso. Eu deveria ter entendido antes. E o que espero que aconteça é que esse tempo afastada seja exatamente o que você precisa e que, quando o próximo semestre chegar, você esteja pronta para voltar para mim.

Uma nova onda de culpa assola Charlie enquanto Robbie a olha de cima com aqueles olhos castanhos gigantes. Como os do Bambi, Maddy costumava descrevê-los. Tão redondos e cheios de vida que Charlie não conseguiu deixar de ficar hipnotizada quando os viu pela primeira vez.

Embora suspeite que aquele primeiro encontro provavelmente tenha sido mundano, a lembrança que tem dele é de algo tirado de uma clássica comédia romântica. Foi na biblioteca, ela era uma aluna do segundo ano presa a uma dieta de Coca-Cola Diet e estressada com as provas de meio de semestre, e Robbie, um aluno do primeiro ano da pós-graduação absurdamente lindo que só estava à procura de um lugar para se sentar. Ele escolheu a mesa dela, uma em que cabiam perfeitamente quatro pessoas, mas da qual Charlie e seus livros espalhados tinham tomado conta.

— Tem espaço para mais um? — perguntou ele.

Charlie tirou o olhar do livro de Pauline Kael que estava lendo, viu aqueles olhos e congelou de imediato.

— Ah... Claro.

Ela não abriu espaço para ele. Na verdade, nem ao menos se moveu. Apenas o encarou. E fez isso por tanto tempo que Robbie passou a mão pela bochecha e perguntou:

— Tem alguma coisa na minha cara?

Ela deu risada. Ele se sentou. Os dois começaram a conversar. Sobre as provas. Sobre a vida universitária. Sobre a vida em geral. Ela descobriu que Robbie tinha se formado na Olyphant e escolhido continuar lá na pós-graduação, trilhando seu caminho para se tornar professor de matemática. Robbie descobriu que os pais de Charlie a levaram ao cinema três vezes para ver *E.T., o Extraterrestre* e que, depois de cada sessão, ela voltou para casa esperneando.

Acabou que ficaram conversando até a biblioteca fechar. E continuaram depois, em uma lanchonete 24 horas, fora do campus. Ainda conversavam quando chegaram ao dormitório de Charlie às duas da manhã. Robbie disse:

— Só para você saber, eu não estava procurando um lugar para sentar. Só precisava de um motivo para conversar com você.

— Por quê?

— Porque você é especial — disse ele. — Percebi no momento em que te vi.

Simples assim, Charlie estava encantada. Ela gostou da aparência de Robbie, é claro, e de como ele parecia não ligar para aquilo. Gostou do seu senso de humor. E de como ele não dava a mínima para filmes, o que parecia tão novo e agradável para ela. Era algo muito distante dos homens infantis e obcecados por *O Poderoso Chefão* que frequentavam a maioria das suas aulas de cinema.

Durante um tempo, tudo estava bem entre os dois. Ótimo, até. Então, Maddy morreu, e Charlie mudou, e agora não há como voltar a ser a garota daquela noite na biblioteca.

Robbie olha para o relógio e anuncia as horas. 21h05. Josh está atrasado. Charlie se pergunta onde isso se encaixa no leque de preocupação.

— Você não precisa esperar comigo — diz ela.

— Mas eu quero — responde ele.

Charlie sabe que também deveria querer isso. Seria normal querer passar o máximo de tempo possível com ele antes de se separarem. Mas, para ela, normal é querer evitar uma despedida apressada na frente de um quase completo estranho. Normal é querer uma despedida triste e silenciosa que não seja presenciada por mais ninguém. Bogart se despedindo de Bergman no avião ao final de *Casablanca*. Streisand passando a mão pelo cabelo de Redford em *Nosso Amor de Ontem*.

— Está frio — diz ela. — Volte para o seu apartamento. Sei que você tem aula amanhã cedo.

— Tem certeza?

Charlie concorda, fazendo que sim com a cabeça.

— Vou ficar bem. Juro.

— Ligue para mim quando chegar em casa — pede Robbie. — Não importa se estiver tarde. E me ligue durante a viagem, se você vir um telefone público. Avise que está segura.

— Vamos dirigir de Nova Jersey a Ohio. O único perigo é morrer de tédio.

— Não foi isso que eu quis dizer.

Charlie sabe disso, porque está pensando na mesma coisa que ele. O assunto no qual nenhum dos dois quer tocar porque vai arruinar essa despedida.

Maddy foi assassinada.

Por um estranho.

Um que continua à solta. Em algum lugar. Provavelmente esperando para fazer isso de novo.

— Vou tentar ligar — diz Charlie — Prometo.

— Finja que é um daqueles filmes que você sempre me fazia ver — diz Robbie. — Aqueles que parecem franceses.

— Filme *noir*? — Charlie balança a cabeça. Depois de um ano de namoro, ela não tinha lhe ensinado nada?

— Isso, um desses. Você está em cativeiro contra a sua vontade, e a única forma de conseguir ajuda é falando em código com o seu namorado aflito.

— Qual é o código? — pergunta Charlie, entrando na brincadeira, grata pela forma como Robbie está conduzindo sua despedida.

Não é triste.

É cinematográfica.

— “Houve uma curva do destino.”

O jeito com que Robbie diz isso faz Charlie achar que ele está tentando imitar Bogart, embora mais pareça Jimmy Stewart para os ouvidos dela.

— E se estiver tudo bem?

— “Está um mar de rosas, querida.”

Dessa vez ele realmente parece Bogart, e ouvir isso aumenta a rachadura no coração de Charlie.

— Amo você — diz ela.

— Eu sei.

Charlie não sabe dizer se a resposta de Robbie é uma referência intencional a *Star Wars* ou apenas uma feliz coincidência. De qualquer forma, ela não se importa, porque agora ele a beija e abraça uma última vez e se despede de verdade, de um jeito que é ainda mais triste que qualquer filme. O sofrimento em seu peito aumenta — uma dor aguda que Charlie espera que permaneça durante todo o trajeto para casa.

— Você ainda é especial, Charlie — diz Robbie. — Preciso que saiba disso.

Então ele vai embora, e resta apenas ela. Na beira da calçada, com sua caixa e as duas malas, a situação finalmente parece real.

Ela vai fazer isso.

Realmente está indo embora.

Em algumas horas, vai estar em casa, provavelmente vendo algum filme com a vovó Norma, talvez a caminho de voltar a ser a pessoa que foi um dia.

Charlie abre a mochila e pega o frasco laranja de comprimidos que desde setembro tem ido de um lado para o outro lá no fundo. Dentro do frasco há mais laranja — pequenos comprimidos que, quando os tomava, sempre a lembravam M&M's. Isso quando os tomava *mesmo*.



Ela mentiu para Robbie sobre isso. Faz três dias desde que tomou um, apesar de a psiquiatra que os prescreveu ter prometido que os filmes em sua cabeça não retornariam. E não retornaram. Mas também a deixavam sonolenta e inquieta, seu corpo constantemente indo de um extremo para o outro. O resultado foram semanas sem dormir e dias perdidos. Uma vampira. Era nisso que os comprimidos laranja a transformavam.

Para neutralizar aqueles efeitos, a psiquiatra também prescreveu a Charlie pequenos comprimidos brancos para ajudá-la a dormir.

Esses foram piores.

Tão piores que ela já até tinha se livrado deles.

Agora é hora de se livrar dos alaranjados. Ela não aguenta mais nenhum comprimido, independentemente da cor.

Charlie sai da calçada e caminha até o bueiro mais próximo, uma abertura no asfalto. Joga os comprimidos ali, aproveitando a pontinha de satisfação ao assisti-los quicar na grade de metal antes de mergulharem na escuridão abaixo. O frasco vai direto para uma lata de lixo ali perto.

Voltando para a caixa e as malas, Charlie prende com mais força o casaco vermelho ao redor do corpo. A noite de novembro está exatamente entre o outono e o inverno. Não há nuvem alguma no céu, e as estrelas brilham, mas um vento cortante a faz tremer. Ou talvez isso venha do fato de ela estar sozinha na rua enquanto há um assassino à solta.

Mesmo se não percebesse o perigo por conta própria, o folheto da Take Back the Night<sup>1</sup> colado no poste ao lado de Charlie a lembraria. Os folhetos são uma resposta direta ao assassinato de Maddy. Assim como as vigílias. E os palestrantes convidados. E os terapeutas de luto, que caminharam pelo campus munidos de panfletos e boas intenções.

Charlie evitou tudo aquilo, preferindo viver o luto sozinha. Como resultado, também perdeu esse senso de medo que tem assolado o campus pelos últimos dois meses. Passou a maior parte do tempo trancada no quarto, por isso não tinha motivos para estar com medo.

---

<sup>1</sup> Take Back the Night é uma organização que combate a violência sexual. (N. da R.).

Entretanto, agora ela sente um arrepio gelado na nuca. O que não ajuda é a lista de regras do folheto, que Charlie está majoritariamente desobedecendo neste momento.

Nunca saia sozinha à noite.

Sempre ande em duplas.

Sempre conte a alguém aonde está indo.

Nunca confie em um estranho.

Essa última faz Charlie pausar. Porque, por mais que goste de pensar o contrário, Josh *é, sim*, um estranho. Ou será, se ele aparecer. Por não usar relógio, Charlie não faz ideia de que horas sejam. Mas supõe que sejam 21h15. Se ele não aparecer logo, ela não terá escolha a não ser voltar ao dormitório, o que provavelmente já deveria ter feito. Que saco. De acordo com o panfleto da Take Back the Night, ela nem deveria estar aqui, sozinha na calçada, com malas e uma caixa, sem dúvida parecendo uma pessoa prestes a partir e de quem ninguém daria falta por alguns dias.

Porque a sua necessidade de ir embora pesa mais que o medo que sente, Charlie permanece onde está, observando a entrada do estacionamento. Em pouco tempo, dois clarões aparecem no horizonte.

Faróis.

Eles clareiam ainda mais o estacionamento antes de fazerem uma curva aberta e mirarem bem na direção de Charlie. Por causa da clareza, ela tem dificuldade de enxergar, então olha para o chão, onde sua sombra se estica como um fantasma até a grama coberta de neve às suas costas. Segundos depois, um carro está parado na beira da calçada. A porta do motorista se abre, e Josh salta para fora.

— Charlie, oi — diz ele, pronunciando as palavras com um sorriso tímido, como se isso fosse um primeiro encontro.

— Olá.

— Desculpe pela viagem noturna — pede ele. — Não tinha outro jeito.

— Sem problema.

Nos últimos dois meses, Charlie ficou bem familiarizada com a escuridão. Na maioria das noites, ficava totalmente desperta até o amanhecer, em parte graças aos comprimidos, ao quarto iluminado pela claridade da TV e qualquer filme que ela estivesse vendo.

— Bem, sua carruagem a aguarda — diz Josh enquanto passa a mão pelo teto do carro. — Não é uma limusine, mas vai nos levar aonde precisamos ir.

Charlie passa um tempo observando o carro. O Pontiac Grand Am cinza-cimento — aos olhos dela, pelo menos — estava longe de ser uma lata-velha. A parte exterior lavada recentemente. Nenhum amassado ou riscado aparente. Com certeza sem janelas escurecidas. Charlie consegue ver claramente o banco do passageiro, que felizmente está vazio. É o tipo de carro que o pai dela dirigiria, caso ainda estivesse aqui. Prático. Torcia para ser confiável. Um carro feito para se misturar à multidão.

Josh olha a caixa e as malas aos pés dela.

— Não achei que você levaria tanta coisa assim. Pretende ficar fora por um tempo?

— Espero que não muito — responde Charlie, o que não é verdade, mas ao mesmo tempo ela se pergunta se no fundo não quer que seja. E por que iria querer isso? Ela não deve a Robbie ao menos tentar voltar para o semestre de primavera? Não deve isso a si mesma?

Embora Maddy seja o motivo de estar fazendo tudo isso, Charlie sabe que ela não aprovaria.

*Você está sendo idiota, querida.* É o que Maddy teria dito sobre os planos de dar o fora do campus.

— Vai caber tudo isso? — pergunta Charlie.

— Com certeza — responde Josh, rapidamente caminhando até a parte de trás do carro e abrindo o porta-malas.

Charlie pega a caixa de papelão e começa a carregá-la para o porta-malas. Antes que ela consiga chegar perto, Josh pega a caixa e a deixa apenas com a mochila.

— Deixe que eu cuido disso para você — diz ele.

Sem pesos para carregar, Charlie passa os segundos seguintes assistindo a Josh carregar as coisas dela. Nesse breve período de tempo, ela percebe algo estranho no jeito como ele se move. Em vez de carregar tudo direto para a parte de trás do carro, Josh permanece em um ângulo, suas costas bloqueando qualquer visão que Charlie possa ter do porta-malas aberto. Quase como se tivesse algo lá dentro. Algo que ele não quer que ela veja.

Charlie acha que não é nada.

Ela *sabe* que não é nada.

As pessoas às vezes agem de forma estranha. Ela é a garota que vê filmes na cabeça, e Josh, o cara que coloca as coisas no porta-malas de um jeito estranho. Fim da história.

Então, Josh se vira após ter fechado o bagageiro, e Charlie nota uma outra coisa sobre ele. Algo que, para ela, é mais estranho do que a forma como ele colocou as coisas no porta-malas.

Josh está usando as mesmas roupas que usava no painel de caronas.

Exatamente as mesmas.

Mesmo jeans. Mesma camiseta. Mesmo cabelo bonito. Sim, eles estão na faculdade, e todo mundo se veste assim; é o uniforme não oficial da Olyphant. Mas Josh veste essas roupas desconfortavelmente, quase como se não fossem dele. Charlie percebe que há um quê de agência de figurantes na forma como ele se veste, como se tivesse sido contratado para uma ponta. Universitário genérico #2.

Josh sorri de novo, e Charlie percebe que ele é absolutamente perfeito. O sorriso de um ídolo de matinê, intimidador em toda a sua glória. Talvez seja sedutor. Talvez seja sinistro. Charlie não consegue decidir.

— Estamos prontos — diz ele. — Pronta para zarpar?

Charlie não responde de imediato. Está distraída pela ideia de que essas coisas todas possam ser sinais de aviso. O porta-malas. As roupas. São exatamente o tipo de coisa que ela jurou que a fariam dar meia-volta e ir direto para o dormitório.

Não é tarde demais para isso. Ela poderia facilmente dizer a Josh que mudou de ideia e que ele deveria tirar as coisas dela do porta-ma-

las. Em vez disso, diz a si mesma para parar de ser desconfiada. Isso não é sobre Josh. Ou sobre o que ele está vestindo. Ou sobre como ele coloca as coisas no porta-malas. Isso é sobre Charlie e o fato de que, agora que está prestes a partir, ela está, de repente, arrumando motivos para ficar.

E *há* motivos. Ela deveria se formar. Ama a graduação. E o simples fato de que Robbie ficaria feliz.

Mas ela ficaria feliz?

Charlie acha que não.

Poderia fingir estar, pelo bem de Robbie. Poderia empurrar as coisas com a barriga, assim como tem feito desde setembro. E talvez — só talvez — em algum momento a nuvem de tempestade sob a qual ela tem vivido vá embora, e ela poderá voltar a ser uma universitária comum. Bem, semicomum. Charlie tem autoconhecimento suficiente para saber que nunca será exatamente como todo mundo. Sempre teve e sempre vai ter uma aura de excentricidade. E está tudo bem.

O que não está bem, pelo menos para Charlie, é permanecer num lugar onde se sente muito infeliz. Onde diariamente se lembra de uma perda profunda e dolorosa. Onde lembranças alfinetam e a culpa permanece, e não há uma semana, um dia nem uma hora que se passem sem que ela pense: *eu não deveria tê-la deixado. Eu deveria tê-lo impedido. Eu deveria tê-la salvado.*

Ela olha para Josh, que ainda está pacientemente aguardando uma resposta.

— Mais pronta do que nunca — responde.

